

Resumo do livro "O Coronel que Raptava Infâncias", do autor Matheus de Moura¹

Ruth Vitoria Barros Cardoso²
Águida Cristina Santos Almeida³

Introdução

"*O Coronel que Raptava Infâncias*", de Matheus de Moura, é uma obra que entrelaça jornalismo investigativo e narrativa literária para revelar a complexa e perturbadora realidade do crime organizado e da exploração infantil no Brasil. Moura, resolve mergulhar profundamente em um caso específico, elucidando questões sociais e políticas de grande relevância, prendendo a atenção do leitor a cada página.

O livro está dividido em duas partes principais, precedidas por um prólogo, dividido em 16 capítulos, seguidos de um epílogo, sem obedecer a uma cronologia linear. A narrativa percorre o sombrio passado de Chavarry, desde as origens bascas da sua família até o desfecho do personagem que o vestia. A narrativa de Moura é marcada por uma crítica incisiva às instituições que deveriam proteger os vulneráveis, mas que muitas vezes falham em sua missão, perpetuando ciclos de abuso e injustiça.

Do resumo

Inicialmente, o prólogo apresenta Pedro Chavarry Duarte, um coronel reformado da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, que se entrega à polícia sob acusações de abuso sexual de menores. A narrativa revela suas estratégias evasivas ao escolher uma delegacia diferente da que estava conduzindo seu inquérito, tentando evitar um confronto com a delegada que o havia mandado prender anteriormente. Após sua entrega, ele desaparece misteriosamente na noite da Tijuca, frustrando os policiais que buscavam prendê-lo novamente. Através dessas ações, o prólogo introduz um enredo de perseguição política e a complexa rede de poder e influência no sistema legal brasileiro. Pedro Chavarry Duarte é retratado como um homem complexo, que, mesmo diante de acusações graves, manipula o sistema legal a fim de evitar sua prisão. A alegação de perseguição política adiciona uma

¹Resumo escrito entre abril e junho de 2024, no âmbito das atividades do PET-Economia da UFCG.

²Graduanda em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), integrante do Programa de Educação Tutorial (PET - Economia) e do GAACE-Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica. E-mail: ruthvcardoso.ufcg10@gmail.com

³Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, tutora do PET-Economia, coordenadora do GAACE. No presente resumo atuou como revisora. E-mail: aguidasantosalmeida@gmail.com.

camada de complexidade à sua caracterização, sugerindo um ambiente onde as relações de poder são fluídas e frequentemente exploradas para ganhos pessoais.

O primeiro capítulo muda o foco para a história de Géssica Fernanda Correa, uma adolescente que enfrenta o trabalho de parto no Hospital Geral de Bonsucesso, no Rio de Janeiro. É descrito no decorrer da seção a relação entre Géssica e sua sogra, Beatriz, que a acompanha durante esse momento crucial. A história aborda temas como a maternidade precoce, a relação de Géssica com seu namorado Jorge, e as pressões sociais e familiares que ela enfrenta. Géssica Fernanda Correa é retratada como uma jovem resiliente que vem enfrentando as dificuldades de uma gravidez na adolescência.

A narrativa enfatiza a importância do apoio familiar, particularmente da sogra Beatriz, que se torna uma figura central em sua vida durante o trabalho de parto. A relação entre Géssica e Jorge é explorada desde a infância, destacando como as circunstâncias familiares e sociais moldaram suas vidas e relacionamentos. A obesidade de Géssica e o desemprego de Jorge adicionam camadas de dificuldade, refletindo as realidades de muitas jovens famílias no Brasil. O texto aborda de maneira sensível a pressão social e familiar sobre Géssica, mostrando como a comunidade e o apoio familiar podem ser cruciais em momentos de crise. A relação entre Géssica e Beatriz durante o parto revela uma conexão profunda e um apoio mútuo que sustenta a família em tempos desafiadores. A chegada da filha Júlia simboliza uma nova esperança e continuidade, apesar das adversidades enfrentadas.

O segundo capítulo do livro oferece uma rica narrativa que explora a vida de Modesta Chavarry Duarte e seu filho Pedro Chavarry Duarte. Em 9 de março de 1954, com a cena íntima de Modesta Chavarry Duarte segurando seu recém-nascido Pedro. Modesta, marcada por uma infância difícil e uma vida carente de afeto, encontra no filho uma fonte de amor e propósito. A narrativa descreve sua origem humilde, desde sua infância no Rio de Janeiro, passando pela perda precoce dos pais e sua criação rigorosa pela tia. A história de Modesta é profundamente influenciada por sua linhagem, mencionando que o sobrenome Chavarry é de origem basca, refletindo o fluxo migratório espanhol para o Brasil no final do século XIX. Apesar de sua conexão ancestral, Modesta cresceu afastada de qualquer opulência familiar, vivendo na humildade dos subúrbios cariocas.

Pedro Chavarry Duarte, por sua vez, é descrito como um jovem profundamente influenciado pela religiosidade da mãe. Desde cedo, Pedro se dedica aos estudos teológicos e se torna coroinha, destacando-se pela sua devoção religiosa. A narrativa segue sua trajetória até sua decisão de ingressar na Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ) durante

a ditadura militar, um movimento impulsionado por um misto de desejo de status e vontade de ajudar os outros.

O terceiro capítulo narra a trajetória e os desafios enfrentados pelo tenente Paulo Ramos durante sua luta por melhores condições salariais e a equiparação dos salários da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ) com as Forças Armadas. Paulo Ramos, junto com outros oficiais, enfrentam uma série de prisões e represálias comandadas pelo governador Leonel Brizola e pelo comandante-geral da PMERJ, Carlos Magno Nazareth Cerqueira.

Paulo Ramos, mesmo após múltiplas prisões, continua a ser uma figura central na luta pelos direitos dos policiais, mas suas tentativas de alcançar a paridade salarial são constantemente frustradas. O autor descreve Ramos como uma figura resiliente, mas que eventualmente se vê desgastado pela constante repressão e a falta de apoio suficiente entre os oficiais.

O próximo capítulo da obra, intitulado como “O coronel e o governador”, aprofunda-se nas complexas relações políticas e pessoais entre o coronel Chavarry, o governador Leonel Brizola e o comandante-geral Carlos Magno Nazareth Cerqueira. Chavarry, que inicialmente desfruta de um bom relacionamento com o governador, vê-se em uma posição de conflito quando a promessa de equiparação salarial não é cumprida. A prisão de Chavarry, junto com outros colegas, é descrita em detalhes, evidenciando o caráter estratégico da ação repressiva. Os presos, mesmo em condições relativamente brandas, utilizam a narrativa de vitimização para obter apoio público e político. A acusação de que a reivindicação salarial era manipulada pelo Serviço Nacional de Informações (SNI) é destacada como infundada, mostrando a complexidade das relações entre diferentes instituições do governo e a PMERJ.

A narrativa também aborda a ambivalência dos policiais em criticar Brizola, pois isso poderia enfraquecer a luta progressista e, ao mesmo tempo, a necessidade de lutar pelos seus direitos trabalhistas. A dualidade de Chavarry, que alterna entre a figura de um militante pelos direitos dos policiais e suas aspirações políticas pessoais, é um ponto central do capítulo.

O capítulo 5 abre com um evento perturbador: um choro infantil ecoa pela rua Nove, perturbando a tranquilidade da tarde. A narrativa detalha como os moradores, inicialmente confusos e alarmados, tentam localizar a origem do choro. Sônia Carneiro, uma figura proeminente na comunidade, junto com outros moradores, se mobiliza para investigar,

culminando na descoberta de um bebê na casa nº 183, aparentemente negligenciado pelo capitão Pedro Chavarry Duarte.

A descrição minuciosa das reações dos moradores, como a de Sônia Carneiro que, ao ouvir o choro que sofre ainda mais com o calor opressivo de Bangu, reage prontamente para proteger a criança, demonstra um senso de responsabilidade comunitária, "Sônia Carneiro estava de folga do trabalho e dormia em casa quando um nhee penetrou sua parede, seus sonhos e sua paz. De novo? No mês anterior já tinha ouvido falar de um certo choro" (p. 73) . As tensões aumentam quando se descobre que a casa pertence ao capitão Chavarry.

Em conformidade à situação posicionada anteriormente, o capítulo 6 continua a narrativa, explorando as repercussões do incidente. A comunidade permanece vigilante e desconfiada do capitão Chavarry. A vigilância é reforçada pela criação de um grupo de "olheiros do bem", crianças da comunidade que monitoram atividades suspeitas. A figura de Chavarry é explorada em maior detalhe, revelando sua complexa relação com a comunidade e a polícia.

O capítulo 7 aborda a busca de Clarissa Coutinho por suporte social em meio a dificuldades extremas. O foco principal é a interação dela com a assistente social Vera Lúcia e, posteriormente, com o capitão Pedro Chavarry Duarte, do 14º Batalhão de Polícia Militar. Este capítulo enfatiza a dependência de Clarissa das estruturas de suporte comunitário e a exploração que pode surgir dessas interações. Clarissa, desesperada para encontrar uma creche para sua filha recém-nascida, de nome Rafaela, busca por apoio social e a resposta das instituições destacam a precariedade do sistema de suporte para mulheres em situação de vulnerabilidade, e procura ajuda de Vera Lúcia, uma assistente social no Banco da Providência.

Vera Lúcia, ciente das necessidades de Clarissa, a encaminha para o capitão Chavarry. Este ato, que inicialmente parece uma solução, revela-se um caminho para exploração e manipulação. Clarissa é retratada como uma mulher resiliente, mas vulnerável, que enfrenta um sistema de suporte inadequado. A narrativa ilustra a dicotomia entre a necessidade de apoio e os perigos de depender de figuras de autoridade com intenções duvidosas. Chavarry se apresenta como um benfeitor, mas suas ações subsequentes demonstram uma manipulação insidiosa.

Consoante a isso, o oitavo capítulo continua a explorar a trajetória de Clarissa Coutinho, aprofundando-se nas consequências de sua interação com Chavarry. A narrativa foca na exploração contínua de Clarissa pelo capitão e nos esforços dela para sustentar sua família em meio à miséria.

Após a promessa inicial de ajuda, Chavarry continua a manipular Clarissa, deixando claro que suas intenções não são altruístas. Ele oferece emprego a Clarissa e cuidados para Rafaela, mas essas promessas são acompanhadas por um comportamento abusivo e explorador. Clarissa, na esperança de garantir um futuro melhor para sua filha, aceita a ajuda, apesar das crescentes suspeitas e do desconforto "Clarissa Coutinho sentiu isso na pele negra como quem sente uma gilete abrir os pulsos mas poupar a vida" (p. 98). A exploração atinge um ponto crítico quando Chavarry deixa Rafaela dopada e sozinha, expondo a real natureza de seu "suporte". Clarissa, lutando para manter a sanidade e a dignidade, trabalha em condições degradantes no lixão, tentando proteger sua filha e proporcionar uma vida minimamente segura.

O nono capítulo centra-se na trajetória de Sônia Meirelles, uma mulher marcada por tragédias pessoais e dificuldades financeiras. Aos nove anos, uma febre intensa lhe causou danos neurológicos permanentes, resultando em uma fala lenta e pensamentos confusos, além de uma depressão crônica que a acompanharia até a morte. A vida familiar de Sônia é retratada como instável e precária, especialmente após uma enchente devastadora entre 1991 e 1992 que os deixou desabrigados. A narrativa se complica com a introdução de Chavarry, um personagem que assume um papel sinistro na vida da família, levando ao desaparecimento de uma das filhas de Sônia, Érica. O capítulo descreve um episódio traumático em que a filha Elizabete vê Chavarry nu, sugerindo abusos e deixando uma marca indelével na memória da criança. A busca incessante de Sônia por Érica, sua deterioração mental e eventual suicídio em 2012 sublinham a tragédia de sua vida, enquanto revela as falhas sistêmicas e sociais que contribuíram para seu desespero.

Análogo a isso, como forma de um intervalo entre duas partes da obra, desempenhando um papel importante na transição e proporcionando um momento de reflexão, o autor, Matheus de Moura, acrescenta o interlúdio, intitulado como: o nascimento das infâncias, que fornece uma análise histórica e antropológica sobre a evolução do conceito de infância e a proteção dos direitos das crianças no Brasil. O autor menciona que, apesar da existência do Estatuto da Criança e do Adolescente desde 1990, a real incorporação das questões de maus-tratos, abuso sexual e tráfico de menores no debate público só começou a ganhar força no final do século XX e início do século XXI. A antropóloga Laura Lowenkron é citada para contextualizar como a infância passou a ser vista como uma fase específica da vida que necessita de proteção e cuidados especiais.

O capítulo 10 fornece uma constatação com os temas sombrios dos capítulos anteriores, abordando um evento significativo e positivo na vida do protagonista, destacando

momentos de esperança, realizações pessoais e familiares, além de marcos importantes que proporcionaram uma breve trégua das dificuldades constantes, examina a ascensão e queda do personagem dentro do cenário socioeconômico do subúrbio carioca. Inclui narrativas sobre envolvimento em atividades ilícitas, corrupção, e a eventual decadência moral e social dos indivíduos ou grupos em questão. A história de Chavarry e suas conexões com o tráfico de menores e milícias é um ponto focal, ilustrando o ciclo de poder e corrupção.

O capítulo 11, intitulado "Terra Conquistada", inicia-se com um evento cotidiano na comunidade Uga-Uga, situada em um período entre 2010 e 2015. Uma mulher anuncia pelas ruas que "o malote" está para chegar, gerando uma onda de excitação entre os moradores. A chegada do malote, trazido por Pedro Chavarry Duarte, representa um momento de esperança para as famílias, que recebem remédios, fraldas e cestas básicas. Pedro é retratado quase como uma figura messiânica, sendo abraçado calorosamente pelas mulheres da comunidade. O texto destaca a condição socioeconômica precária dos moradores e a dependência em relação a figuras externas para obtenção de recursos básicos. Pedro, um militar de cabelos grisalhos e barba rala, exerce grande influência sobre a comunidade, especialmente sobre as mulheres com filhos pequenos. O veículo utilizado por Pedro varia de cor e modelo para evitar atenção indesejada, sublinhando a necessidade de discrição em suas ações, agindo como um "pai", que as acalentava com suas atitudes maliciosas, disfarçadas de afeto e cuidado.

Consoante a isso, no décimo segundo capítulo, o foco se desloca para os eventos que levaram à formação da comunidade Uga-Uga. A história remonta aos anos 1998 e 1999, quando um grupo de jovens, liderados por Eliana, discute a possibilidade de se mudar para a travessa Leonor Mascarenhas. A decisão de ocupar um galpão abandonado surge como uma solução para a falta de moradia. Eliana, uma das líderes do movimento, é retratada como uma mulher determinada e resiliente. Ela, junto com outras famílias e moradores de rua, inicia a ocupação e fundação da Uga-Uga. O nome da comunidade, possivelmente inspirado em uma novela da época, simboliza a resiliência e necessidade de adaptação dos moradores frente às adversidades.

O capítulo 13, narra a trajetória de Pedro Chavarry, que ascende ao cargo de presidente da Caixa Beneficente da Polícia Militar do Rio de Janeiro em 2010. A narrativa destaca o contexto e os eventos controversos que cercaram sua nomeação. Chavarry assume a presidência em um ambiente turbulento, marcado por um escândalo eleitoral envolvendo um capitão que adulterou urnas. O conselho deliberativo, em resposta à fraude, escolheu Chavarry, que também estava envolvido em irregularidades, como votar em múltiplas urnas.

Uma vez no poder, Chavarry adota uma abordagem midiática, lançando um jornal institucional onde se promove, atacando gestões anteriores e suspendendo programas como o de Cesta Básica, alegando má administração dos recursos. Sua gestão é marcada por ações populistas e pela manipulação de narrativas, criando uma imagem de reformador, enquanto realizava práticas questionáveis como o uso de verba da Caixa para projetos pessoais, incluindo a compra de fraldas e suplementos infantis. Chavarry envolve-se em esquemas de corrupção, criando empresas-fantasma para justificar gastos e favorecendo parentes com cargos na instituição. Sua estratégia inclui a consolidação de poder através da rede de influências, utilizando fotografias com figuras políticas e religiosas para legitimar sua posição. A narrativa deste capítulo expõe a dualidade entre a imagem pública construída por Chavarry e suas ações nos bastidores, revelando um líder que se mantém no poder por meio de manipulação, corrupção e exploração de redes de dependência.

No capítulo 14, a trajetória de Pedro Chavarry avança para sua incursão na política partidária, especialmente sua associação com o Partido Social Liberal (PSL). O capítulo começa detalhando como, em 2014, Chavarry é acolhido pelo PSL e concorre ao cargo de deputado federal. Sua campanha, no entanto, é marcada por manipulações e pela mobilização forçada de parentes e dependentes. Chavarry e seu irmão Paulo utilizam a estrutura da Caixa Beneficente para promover sua candidatura, incluindo a produção de material de campanha em empresas de fachada e a exploração da mão-de-obra das mulheres da Uga-Uga para distribuir propaganda. Apesar do esforço, Chavarry obteve apenas 1.948 votos, um resultado insignificante para uma eleição de âmbito federal.

O capítulo destaca também o estilo de vida ostentatório de Chavarry, que embora declarasse patrimônio modesto à Justiça Eleitoral, utilizava carros de luxo e mantinha um padrão de vida incompatível com seus rendimentos declarados. Suas ações são caracterizadas por um contínuo desvio de recursos e manipulação de informações para manter o controle sobre sua rede de influência.

“A delegada, a mídia e o pedófilo” é o título do décimo quinto capítulo, que foca no caso do estupro coletivo que ocorreu em Praça Seca, Zona Oeste do Rio de Janeiro, em 2016. A narrativa apresenta a complexidade do crime e a resposta da sociedade e das autoridades. Raí, de 22 anos, compartilhou um vídeo incriminador nas redes sociais, mostrando a vítima semiconsciente e nua. A mídia e a opinião pública rapidamente se mobilizaram, destacando as falhas no tratamento inicial do caso pelas autoridades.

Cristiana Onorato, delegada da Dcav, assume a investigação após reclamações sobre o tratamento machista dado pelo delegado anterior, que focava mais nos hábitos sexuais da vítima do que nas circunstâncias do estupro. Onorato, com um histórico de investigações bem-sucedidas em crimes sexuais, busca reverter o curso da investigação, chamando novamente os envolvidos para depor. Este capítulo evidencia a importância da sensibilidade e competência das autoridades na condução de casos de violência sexual.

O décimo sexto e último capítulo da obra explora a figura do Coronel Pedro Chavarry, um personagem poderoso e influente no Rio de Janeiro. Chavarry, descrito como um "dono da casa de branco", usa sua posição e habilidades de navegação social para se manter impune apesar de múltiplas acusações e crimes "O que ninguém entendia era que Chavarry não caía, nem nunca cairia, pois sua casa não estava na Barra da Tijuca nem em Bonsucesso — sua casa era o Rio de Janeiro. Branco, bem afortunado e hábil navegador do sistema em que vive, Chavarry é carioca no sentido original da palavra, de "casa de branco". Chavarry tem poder; ele é o dono da "casa de branco". É o dono da "casa de branco" porque tem poder.

Somente na terra da "casa do branco" um homem como ele pode permanecer impune, porque, no final, ao dono da casa tudo pertence" (p. 239). Ele é um símbolo da corrupção e impunidade dentro do sistema. A narrativa descreve sua prisão e a reação da sua família e colegas. Mesmo dentro do sistema prisional, Chavarry mantém uma postura de controle e poder, destacando a dificuldade das autoridades em lidar com figuras tão influentes. Aprofundando a crítica ao sistema de justiça e à sociedade que permite que indivíduos como Chavarry permaneçam em posições de poder e impunidade por tanto tempo.

O epílogo traz um fechamento ao enredo, conectando os eventos ao desenvolvimento pessoal e profissional do narrador, que decide investigar o caso de Chavarry como seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Jornalismo. Ele se muda para o Rio de Janeiro, buscando detalhes e fontes que não foram exploradas pela mídia. O epílogo também revisita as irmãs Meirelles e o impacto do caso em suas vidas. A mudança de delegada impede a continuação da investigação por Cristiana Onorato, mas a condenação de Chavarry por estupro de vulnerável e corrupção ativa é um passo importante para a justiça. A narrativa finaliza destacando a complexidade e a persistência da corrupção e dos abusos de poder, mas também a importância da investigação jornalística e da busca contínua por justiça.

Em suma, você, leitor, deve estar se perguntando se deve ou não ler esta obra literária e jornalística. Eu com certeza afirmo que se por caso essa leitura não tenha vos intrigado, eu não sei o que mais irá. A leitura do livro *O coronel que raptava infâncias* é mais

que recomendada, é necessária! O estilo de Moura é direto e detalhado, refletindo sua formação jornalística. Ele equilibra fatos com uma narrativa envolvente, utilizando descrições vívidas para transportar o leitor aos cenários descritos.

A linguagem é acessível, porém rica em detalhes, permitindo uma compreensão clara dos eventos e das emoções dos personagens. É uma contribuição significativa para a literatura jornalística brasileira. Matheus de Moura demonstra habilidade não apenas como jornalista, mas também como contador de histórias, criando uma obra que é ao mesmo tempo informativa e é profundamente impactante. Através de uma narrativa bem estruturada e uma análise crítica das instituições brasileiras, Moura lança luz sobre as sombras da corrupção e da exploração infantil, instigando você, leitor, a refletir sobre as realidades sombrias que muitas vezes permanecem ocultas. A resenha destaca a importância do livro como um recurso para entender a complexidade do crime organizado no Brasil e a necessidade urgente de reformas institucionais para proteger os mais vulneráveis da sociedade.

A obra vai além de um simples livro que narra e detalha um caso que aconteceu no Brasil, ele é uma denúncia, não só aos diversos crimes cometidos por Pedro Chavarry, mas denuncia toda uma estrutura de poder, corrupção e vulnerabilidade que está enraizada no país, demonstrando que o “buraco” é bem mais fundo do que se pode imaginar, fazendo desta obra uma leitura essencial para todos.

Referência do livro:

MOURA, Matheus de. **O coronel que raptava infâncias**. 1º ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.